

## CEGONHAS E RODOVALHOS

(A ANÍSIO SEMPRÔNIO RUFO)

(BOUILHET)

Salve, rei dos mortais, Semprônio invicto,  
Tu que estreaste nas romanas mesas  
O rodovalho fresco e a saborosa  
    Pedirrubra cegonha!  
Desentranhando os mármore de Frígia,  
Ou já rompendo ao bronze o escuro seio,  
Justo era que mandasse a mão do artista  
    Teu nobre rosto aos evos.

Porque fosses maior aos olhos pasmos  
Das nações do Universo, ó pai dos molhos,  
Ó pai das comezainas, em criar-te  
    Teu século esfalfou-se.  
A tua vinda ao mundo prepararam  
Os destinos, e acaso amiga estrela  
Ao primeiro vagido de teus lábios  
    Entre nuvens luzia.

Antes de ti, no seu vulgar instinto,  
Que comiam Romanos? Carne insossa  
Dos seus rebanhos vis, e uns pobres frutos,  
    Pasto bem digno deles;  
A escudela de pau outrora ornava,  
Com o saleiro antigo, a mesa rústica,  
A mesa em que, três séculos contados,  
    Comeram senadores.

E quando, por salvar a pátria em risco,  
Os velhos se ajuntavam, quantas vezes  
O cheiro do alho enchia a antiga cúria,  
    O pórtico sombrio, →

Onde vencidos reis o chão beijavam;  
Quantas, deixando em meio a malcozida,  
A sensabor chanfana, iam de um salto  
    À conquista do mundo!

Ao voltar dos combates, vencedores,  
Carga de glória a nau trazia ao porto,  
Reis vencidos, tetrarcas subjugados,  
    E rasgadas bandeiras...  
Iludiam-se os míseros! Bem hajas,  
Bem hajas tu, grande homem, que trouxeste  
Na tua ovante barca à ingrata Roma  
    Cegonhas, rodovalhos!

Maior que esse marujo que estripava,  
Coo rijo arpéu, as naus cartaginesas,  
Tu, Semprônio, coas redes apanhavas  
    Ouriçado marisco;  
Tu, glutão vencedor, cingida a fronte  
Coo verde mirto, a terra percorreste,  
Por encontrar os fartos, os gulosos  
    Ninhos de finos pássaros.

Roma desconheceu teu gênio, ó Rufo!  
Dizem até (vergonha!) que negara  
Aos teimosos desejos que nutrias  
    O voto da pretura.  
Mas a ti, que te importa a voz da turba?  
Efêmero rumor que o vento leva  
Como a vaga do mar. Não, não raiaram  
    Os teus melhores dias.

Virão, quando aspirar a invicta Roma  
As preguiçosas brisas do oriente;  
Quando coa mitra d'ouro, o descorado,  
    O cidadão romano,  
Pelo foro arrastar o tardo passo  
E sacudir da toga roçagante,  
Às virações os tépidos perfumes  
    Como um sátrapa assírio.

Virão, virão, quando na escura noite  
A orgia imperial encher o espaço  
De viva luz, e embalsamar as ondas  
    Com os seus bafos quentes; →

Então do sono acordarás, e a sombra,  
A tua sacra sombra irá pairando  
Ao ruído das músicas noturnas  
Nas rochas de Capreia.

Ó mártir dos festins! Queres vingança?  
Tê-la-ás e à farta, à tua grã memória;  
Vinga-te o luxo que domina a Itália;  
Ressurgirás ovante  
Ao dia em que na mesa dos Romanos  
Vier pompear o javali silvestre,  
Prato a que der os finos molhos Troia  
E rouxinol as línguas.

MACHADO DE ASSIS

[*Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870]. p. 79-83.]

Editor: José Américo Miranda.